

A GEOGRAFIA HUMANISTA NO JAPÃO

Priscila Marchiori DAL GALLO¹

Resumo

A geografia humanista surge nos países anglo-saxões e sofre desdobramentos teóricos e metodológicos diversos na medida em que se estabelece em diferentes contextos institucionais, sociais, culturais e filosóficos dos países cuja comunidade geográfica mostrou interesse pela abordagem. No intuito de ampliar nosso entendimento sobre as possibilidades e limitações da abordagem humanista, buscamos compreender seu desenvolvimento nesses contextos. No Japão, a abordagem humanista tem a singularidade de receber influências da matriz filosófica do budismo e se estabelecer em um cenário de diálogo e contraste entre o pensamento ocidental e oriental. Isso culminou no repensar epistemológico da relação homem e natureza, buscando a dissolução do par sujeito-objeto característico do pensamento moderno ocidental.

Palavras-chave: História do pensamento geográfico. Matrizes de pensamento. Abordagem humanista.

Abstract

The Humanist Geography in Japan

The humanist geography appears in the Anglo-Saxon countries and undergoes diverse theoretical and methodological developments as it settles in different institutional, social, cultural and philosophical contexts of countries whose the geographic community showed interest for the approach. In order to broaden our understanding on the possibilities and limitations of the humanist approach, we seek to understand its development in these contexts. In Japan, the approach has the singularity to receive influences of the philosophical matrix of Buddhism and establish itself in a scenario of dialogue and contrast between Western and Eastern thought. This culminated in the epistemological rethinking of the relationship between man and nature, seeking the dissolution of the subject-object pair characteristic of modern Western thinking.

Key words: History of geographical thought. Matrices of thought. Humanistic approach.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unicamp - Rua Luis Moretzshon de Camargo, 323 - Jardim Santana, 13088-699 Campinas-SP - E-mail: priscilamgallo@yahoo.com.br

O CAMINHO DA GEOGRAFIA HUMANISTA: DOS ESTADOS UNIDOS AO JAPÃO

Segundo Amorim Filho (1999; 2006), a geografia desde sua origem sempre se caracterizou pela pluralidade de pensamento. Em termos epistemológicos isso significa uma coexistência de diferentes escolas de pensamento (francesa, alemã, norte-americana, britânica...) sem exclusividade ou domínio teórico-metodológico de nenhuma delas. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, com a crescente necessidade na academia de uma unificação epistemológica, houve uma mudança nesse cenário, que resultou na adoção de uma postura neopositivista: a comunidade geográfica viu nesse arcabouço filosófico a possibilidade de adoção de um método científico unificador para a geografia. Essa postura encontraria logo suas limitações, e em meados dos anos 1960 a insatisfação em relação a esse monismo de pensamento levou à busca pela reformulação das bases teórico-metodológicas por meio de outras matrizes filosóficas.

Nesse contexto, os geógrafos preocupados com as crescentes questões socioespaciais (espaço como produção social) adotaram a matriz marxista, que se opõe ferrenhamente à abordagem quantitativa e teorética. Contudo, instaurou-se não um pluralismo epistemológico, mas sim um enfrentamento entre abordagens, que rumo àquilo que Amorim Filho (2006) chama de tirania paradigmática. Opondo-se à cristalização teórica que essas abordagens sofriam, novas correntes surgiram, em especial para lidar com novas questões e efeitos da pós-modernidade. Dentre essas correntes está a humanista, que buscava reaver a pluralidade de pensamento com o intuito de reaproximar-se das humanidades, seguida pela geografia cultural. Ambas as abordagens trazem uma diferenciação temática, teórica e metodológica, e resgatam princípios e valores descartados, obscurecidos ou negligenciados pela unificação epistemológica que a geografia passou.

Assim, em virtude da busca por mudanças na condução do pensamento geográfico dominado por uma racionalidade lógico-formal, estruturalista e economicista, alguns geógrafos anglófonos se dedicaram a desenvolver o pensamento geográfico de cunho humanista. Para eles, o geográfico não se restringia àquilo até então proposto pela corrente crítica de orientação marxista ou pela teorética quantitativa; eles desejavam ampliar o entendimento da geografia em direção ao desvelamento da existência humana na Terra (MARANDOLA JR., GRATÃO, 2003). Dois expoentes desse esforço são Edward Relph e Yi-Fu Tuan, reconhecidos como dois dos responsáveis pelas fundações da abordagem humanista em termos de metodologia e discussão teórica.

Tuan tem um compromisso com a compreensão da natureza humana e sua universalidade. Para pensar as singularidades dos lugares é preciso ponderar antes a criação de ordem cosmológica, ou seja, como os humanos criam o seu mundo eles mesmos. Para tanto, ele se utiliza de fontes variadas, recorrendo às diferentes disciplinas das humanidades (antropologia, literatura e psicologia, em especial), colocando a filosofia como um fundamento epistemológico indispensável para a geografia (PÁDUA, 2013).

Por sua vez, Relph é responsável pela introdução do método fenomenológico na geografia, que vem na contramão do domínio do positivismo empregado pelas ciências naturais e do objetivismo predominante no pensamento científico moderno ocidental. O geógrafo realiza essa tarefa inicialmente por meio de sua obra *Place and Placelessness*, de 1976, em que ele enfatiza a centralidade do lugar como fenômeno na investigação geográfica e lança, assim os fundamentos fenomenológicos para sua discussão (MARANDOLA JR, 2012).

Outros geógrafos pioneiros da abordagem humanista, como Anne Buttimer e David Ley, contribuíram com outras perspectivas à abordagem humanista. Buttimer propôs uma perspectiva existencialista no tratamento das discussões geográficas: ela defende o uso do existencialismo na geografia e lança as bases para isso em textos como "Values in Geography", de 1974 e "Grasping the Dynamism of Lifeworld", de 1976. Já Ley buscou um diálogo com o materialismo histórico (HOLZER, 2008).

A iniciativa desses geógrafos teve repercussões em diversos países. Os geógrafos que estavam descontentes com a forma de condução das investigações na geografia encontraram na abordagem humanista a oportunidade de incorporar novas temáticas, outras fontes de conhecimento, perspectivas sociais alternativas ao marxismo e fundamentos filosóficos para aprofundamento de questões existenciais, dentre outros. Contudo, esse movimento que se inicia a partir dos anos 1950, principalmente nos Estados Unidos, chegou com certo atraso nos demais países, que foram tomando contato, por vezes lentamente, com o material produzido por meio de traduções esparsas e trabalhos que se utilizavam de novos e outros autores e aportes epistemológicos.

Por seu aspecto ainda marginal, a abordagem alcançou outras comunidades geográficas por meio de eventos internacionais ou do contato com os geógrafos anglo-saxões. A introdução da abordagem humanista em outros países fez com que ela se desenvolvesse em diferentes contextos teóricos, sociais, filosóficos e culturais e diferentes condições institucionais, apresentando desdobramentos pertinentes a essa conjuntura, os quais avançaram em discussões iniciadas pelos geógrafos americanos, ou deram novos encaminhamentos metodológicos e teóricos para suas propostas iniciais.

Dentre os países que se aproximam dessa abordagem está o Japão. Embora os geógrafos japoneses tenham contribuído para o desenvolvimento da abordagem humanista, pouco se sabe no ocidente sobre seu esforço e as possibilidades abertas por eles. Nossa proposta se fundamenta nas potencialidades e possibilidades da geografia japonesa para superar visões de mundo dicotômicas e dualidades no pensamento epistemológico ocidental. Atentamos ao caráter filosófico que essa aproximação tem apresentado em alguns casos pela inserção de posturas filosóficas orientais no pensamento geográfico japonês.

Essa proposta foi desenvolvida buscando contribuir com a prospecção de como a corrente humanista da geografia está presente nos diversos países. Buscamos a aproximação com a geografia humanista cultural japonesa, a fim de identificar possíveis singularidades de contexto de desenvolvimento da abordagem, para compreender como os geógrafos japoneses têm tratado as temáticas humanista e cultural. Nossa preocupação reside em explorar as matrizes teórico-metodológicas que se desenvolveram no país e indicar alguns aspectos institucionais que corroboraram para a realização das pesquisas em geografia humanista.

Utilizamos como base para o presente texto duas referências-base que oferecem um panorama da geografia humanista japonesa.

A primeira é uma revisão da abordagem humanista no Japão de autoria de Imazato Satoshi², publicada em 2007 no *Japanese Journal of Human Geography*, intitulada "Repensando a abordagem Humanística na Geografia: Essências Incompreendidas e Desafios Japoneses" (*Rethinking the Humanistic Approach in Geography: Misunderstood Essences and Japanese Challenges*). O artigo traz uma

² Professor associado no Departamento de Artes, Ciências Sociais e Estudos Culturais da Faculdade de Educação e Estudos sociais e culturais na Universidade de Osaka – Japão, que tem se dedicado ao estudo do espaço rural japonês sob a perspectiva da percepção espacial e geografia cultural.

revisão do desenvolvimento da Geografia Humanista no Japão, apontando as principais influências e os diálogos estabelecidos com os geógrafos anglófonos, expoentes das discussões teórico-metodológicas da abordagem, e as contribuições dos geógrafos japoneses para a Geografia Humanista.

A segunda referência é um texto de autoria de Toshiyuki Shimazu³, Tamami Fukuda⁴ e Naoki Oshiro⁵, publicado em 2012 na *Geographical Review in Japan Series B*, intitulado "Conhecimento Importado ou Desenvolvimento Autóctone? Contribuições japonesas para a história do pensamento geográfico e a Geografia Cultural e Social desde 1970" (*Imported Scholarship or Indigenous Development?: Japanese Contributions to the History of Geographical Thought and Social and Cultural Geography since the Late 1970s*) que realiza uma revisão das tendências da geografia japonesa desde a década de 1970, buscando apontar as matrizes teóricas e institucionais desse processo.

Realizamos nossa proposta em três momentos: (1) traçamos um panorama de como a abordagem humanista chegou ao Japão, isto é, quais as vias de entrada da abordagem nas discussões da comunidade geográfica japonesa e como se desdobrou esse processo; (2) quais as linhas de pesquisa que adotaram mais fortemente, a abordagem e exemplos de pesquisas que a empregaram, bem como as dificuldades enfrentadas por aqueles que adotaram a geografia humanista em termos de aceitação de sua metodologia e pressupostos teóricos; e (3) as contribuições da comunidade geográfica japonesa em termos de temáticas e articulação de fundamentos filosóficos próprios, tendo em vista o contexto de introdução da abordagem no país.

Toda a discussão desenvolvida no presente texto representa a possibilidade de esmiuçar e pormenorizar a abordagem humanista e ampliar o seu entendimento em termos de diversificação conceitual e de matrizes filosóficas de problemáticas a serem enfrentadas. Todos os diferentes contextos em que a abordagem humanista se desenvolve, isto é, nos EUA, na França, no Brasil ou no Japão, trazem elementos novos para entender suas potencialidades e limitações e identificar suas faltas a fim de reconhecer as alternativas para superá-las. Ainda que o Japão se apresente como um país marginal no que diz respeito às discussões epistemológicas da geografia que não estejam diretamente associadas a tecnologias e análises quantitativas, ele é um cenário totalmente diverso do ocidental e coloca à prova aquilo que foi proposto como geografia humanista.

O caráter periférico desse país na ciência geográfica mundial não elimina a sua importância como crítico do pensamento humanista que a geografia anglo-saxã formulou. Nesse sentido, é interessante notar quais os elementos da abordagem humanista que foram adotados ou rejeitados, quais os autores e suas respectivas perspectivas que ganharam atenção ou foram rechaçados, e como a crítica se manifesta em relação à introdução da abordagem, quer dizer: trata-se de uma crítica à matriz filosófica, ao comprometimento social e cultural, à legitimidade científica. Tudo isso é capaz de ampliar nosso entendimento da e em Geografia Humanista.

³ Professor associado no Departamento de Geografia da Faculdade de Educação na Universidade de Wakayama – Japão, que tem se dedicado à geografia humanista de cunho social e a história do pensamento geográfico.

⁴ Professor associado do Departamento de Ciências Humanas na Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade de Osaka, que tem se dedicado a estudos sobre o rural japonês sob a perspectiva da geografia cultural e a estudos de geografia e literatura.

⁵ Professor associado da Faculdade de Letras na Universidade de Kobe, que tem se dedicado a estudos sobre geografia cultural e história do pensamento geográfico.

A ABORDAGEM HUMANISTA NO JAPÃO: TRAÇANDO PERCURSOS E APONTANDO TENDÊNCIAS

As mudanças nas tendências, temáticas e concepções sobre a geografia no Japão ocorreram a partir da década de 1970. Os pesquisadores da história do pensamento geográfico japonesa apontam essa década como um marco para a adoção de novas perspectivas, sobretudo abordagens emergentes nos países anglo-saxões (YAMANO, 2012; SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012). A geografia no Japão sempre recebeu influências externas, mesmo antes de ser institucionalizada no âmbito universitário. Com o início da Era Meiji, no começo do século dezanove, a geografia ocidental foi introduzida no país em função de mudanças no sistema de ensino e eram os professores, e às vezes entusiastas da geografia, que eram responsáveis pelas publicações e desenvolvimento do pensamento geográfico. A geografia japonesa estava sempre em relação próxima com o conhecimento geográfico moderno desenvolvido na Europa e, posteriormente, nos Estados Unidos (TAKEUSHI, 1984).

Para Yagasaki (2013), ainda que a década de 1970 seja um marco, dois grandes eventos internacionais sediados no Japão tiveram grande impacto sobre a condução da geografia no país.

O primeiro desses eventos ocorreu em 1957, quando os geógrafos japoneses atraíram e organizaram a Conferência Regional da União Geográfica Internacional (*The Regional Conference of The International Geographical Union*), a IGU, na cidade de Tóquio. Essa conferência foi o estopim para uma nova era da geografia no Japão, pós-Segunda Guerra Mundial, que abandonava o predomínio da geopolítica (às vezes de caráter não-científico), que orientou os interesses imperialistas durante o período da guerra (YAGASAKI, 2013).

O segundo evento, ocorrido em 1980, foi o 24º Congresso Geográfico Internacional (*24th International Geographical Congress*), o IGC, também em Tóquio. O evento ocorreu num momento em que a geografia já havia se reformulado e se recuperado como disciplina acadêmica nas universidades, e as associações e grupos de pesquisa eram crescentes, processo iniciado na década anterior com a diversificação dos interesses e pesquisas na geografia. (YAGASAKI, 2013).

Durante toda a década de 1970, no Japão, os geógrafos se mantiveram bastante atentos às novas publicações na Europa e Estados Unidos, absorvendo os novos métodos, conceitos e matrizes que eram utilizados nesses lugares. Em contato com o novo material, os geógrafos japoneses realizaram uma série de publicações de revisão em diversos periódicos nacionais, bem como se dedicaram à tradução das obras mais relevantes ou de maior interesse. Assim, é nos anos 1970 que se verifica um grande progresso metodológico e epistemológico na geografia japonesa, em função da ebulição de discussões sobre novas possibilidades de produção do conhecimento geográfico e a ampliação dos objetos de investigação (IMAZATO, 2007; YAGASAKI, 2013).

Os grupos de pesquisa e associações serviram como incubadora, criando um ambiente propício para a realização de pesquisas fora do *mainstream* e para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito da história do pensamento geográfico. Essas pesquisas são fundamentais para um entendimento mais rigoroso e refinado dos processos que estavam ocorrendo e da inserção de diversas tendências e autores, de modo que essa inserção não fosse uma simples importação da geografia ocidental (SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012).

Imazato (2007) aponta que a abordagem humanista foi introduzida no Japão, principalmente, por dois geógrafos japoneses. O primeiro foi Masahiko Yamano⁶. Ele priorizou como referências Yi-Fu Tuan e Edward Relph, fazendo uma revisão de suas obras em seu texto "Geografia Humana contemporânea: perspectiva humanística e morfologia espacial" (*Contemporary human geography: Humanistic perspective and spatial morphology*), publicado em 1979. Yamano enfatizou, dessa forma, a interpretação humanista do espaço (espaço vivido).

Enquanto Keiichi Takeuchi⁷ (1979), em seu texto "A posição da geografia social: uma consideração sobre a geografia denominada subjetiva" (*The position of social geography: A consideration on the so called subjective geography*), enfatiza os trabalhos de Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer, concentrando-se naquilo que é proposto e discutido na geografia social sob uma perspectiva humanista e sob o ponto de vista de uma geografia subjetiva.

Esses textos se tornaram importantes revisões do pensamento geográfico ocidental no Japão para as diferentes gerações de geógrafos que tivessem interesse em ingressar nesse horizonte.

Segundo Imazato (2007), em conjunto com essas publicações houve um amplo trabalho de tradução que ganharia fôlego a partir dos anos 80. Um desses trabalhos pontuais é o *Beyond Maps* (1981), ou, como é conhecido entre os japoneses, *Chizu no Kanatani*, uma antologia de textos escritos entre 1960 e 1970, que tratam dos fundamentos metodológicos e filosóficos da geografia ocidental, alguns deles enfocando a abordagem humanista.

Na continuação do esforço, há a tradução das obras de Yi-Fu Tuan, como *Espaço e Lugar, Paisagem do Medo, Topofilia, Segmented Worlds and Self*, realizadas não só por geógrafos, mas também historiadores e críticos literários. É importante ressaltar que as obras de Tuan, talvez mais do que a de outros geógrafos humanistas, em função de um estilo pessoal, sempre trouxeram referências de diversas humanidades, apoiando muitas de suas reflexões em exemplos da literatura, das artes e ciências humanas em geral. Como Holzer (1993) aponta, eram obras marcadas pela abertura a novos campos, saberes e à erudição. Certamente suas obras tiveram influência sobre as potencialidades de abertura para campos familiares e próximos à geografia para a ampliação da forma de entendimento da própria geografia, isto é, as possibilidades proporcionadas pela aproximação com diferentes humanidades no fazer geográfico. Não podemos dizer que apenas Tuan realizou essa abertura; a abordagem humanista mostrava um caráter interdisciplinar e muitos geógrafos dedicaram-se a uma renovação epistemológica por meio do diálogo (MARANDOLA JR., 2013). No entanto, pela natureza de seu trabalho, era em suas obras que essa interdisciplinariedade ocorria mais livremente e com maiores possibilidades.

Também foram traduzidos trabalhos de Edward Relph, destacando seu livro *Place and Placelessness*, amplamente utilizado pelos geógrafos japoneses, além de *The Modern Urban Landscape*. Essas obras se constituíram como base para as discussões dos japoneses sobre a rápida mudança em termos espaciais e sociais trazida pela pós-modernidade. Relph trouxe a base teórica para discussões sobre a identidade do lugar. A ênfase do autor aos mecanismos e processos de constituição dos lugares e paisagem sob a perspectiva humanista levou a um enriquecimento das discussões, sobretudo sobre o urbano (IMAZATO, 2007). Essa perspectiva alternativa de

⁶ Professor da Faculdade de Literatura e Ciência Humanas da Universidade de Osaka – Japão, que se dedica a pesquisas na geografia cultural e história do pensamento geográfico.

⁷ Geógrafo falecido em 2005, foi um dos principais responsáveis pelo intercâmbio entre o pensamento oriental e ocidental. Ocupou-se da história do pensamento geográfico.

Relph era um desdobramento de sua apropriação da fenomenologia, que segundo ele não era valorizada pelos geógrafos, mas que apresentava grandes possibilidades de renovação conceitual, metodológicas e permitiria adotar uma visão holística entre homem e natureza (HOLZER, 1993).

Outro autor que ganhou atenção dos japoneses nesse período foi Augustin Berque, um geógrafo francês cuja obra foi amplamente traduzida e explorada no Japão. Dentre seus trabalhos traduzidos está: *Vivre l'espace au Japon, Le sauvage et l'artifice, Du gest à la cite, Êcumène, La pensèe paysagée* (alguns desses livros foram escritos nos anos 2000 e traduzidos para o japonês ainda na década de 2000). É importante destacar que Berque, embora se aproxime dos anglófonos em sua discussão contra o dualismo cartesiano (dualidade de substâncias entre o corpo humano *res extensa* e a mente humana *res cogita* proposta por Descartes), recebe um tratamento diferenciado no Japão, pois, sendo um orientalista, buscou uma relação mais estreita com o pensamento japonês, sobretudo filosófico. Berque adotou em suas discussões sobre paisagem um conceito distinto de *mediance* que ele desenvolveu embasado na reflexão filosófica de Watsuji Tetsuro, mais especificamente sobre o *Fudo* (SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012). Os esforços de Berque instigaram outros trabalhos de aproximação entre a Geografia e Filosofia. O filósofo Nobuo Kioka⁸ com o intuito de construir uma ponte entre ambas, organiza um grupo de pesquisa chamado Grupo de Estudo Geofilosófico (Geophilosophical Study Group).

As discussões sobre uma perspectiva fenomenológica da abordagem humanista no Japão se inicia ainda no começo dos anos 1980. Aoki (1982), em seu texto "Estudo Regional e Filosofia" (Regional study and philosophy), segundo Imazato (2007), foi o primeiro a conduzir uma discussão sobre a perspectiva fenomenológica na geografia japonesa. Para isso, o autor realizou uma revisão do conceito de espaço vivido da geografia francesa, buscando esclarecer a dimensão subjetiva do espaço. Em 1990, essa perspectiva ganhou fôlego com as leituras da fenomenologia husserliana. Contudo, as discussões envolvendo a fenomenologia se restringiram à subjetividade e à intersubjetividade.

Nos anos 1990, com a insurgência de algumas críticas à abordagem humanista sobre uma postura demasiado nostálgica na discussão do lugar, outro autor ganha destaque em função de sua abordagem social na geografia: David Ley. O autor se destaca pela sua crítica ao marxismo, ao considerar que essa corrente restringe as discussões a um viés político-ideológico e economicista que destitui os sujeitos de sua autonomia, prendendo-os a uma macroestrutura. Não significa, no entanto, que ele abandone a discussão marxista, mas que propõe uma aproximação à abordagem humanista dando importância ao significado que os humanos atribuem ao mundo. Para tanto, Ley embasa sua discussão na filosofia desenvolvida por Alfred Schütz, e oferece uma análise dos fenômenos sociais sem pressuposições, isto é, sem a prerrogativa do controle irrefutável das relações de poder (IMAZATO, 2007).

Antes que a geografia social fosse trazida por Ley, os geógrafos japoneses já conheciam na década de 1980 a obra de Alfred Schütz. O autor fora traduzido para o japonês em função de seu papel na aproximação da discussão da fenomenologia com bases na filosofia das ciências sociais, em especial de Max Weber. O filósofo e sociólogo ampliou a reflexão fenomenológica de Hursstel, colocando-a em proximidade com a sociologia compreensiva de Weber. Dentre as suas obras traduzidas está *On phenomenology and social relations*, publicado em japonês em 1970 (SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012).

⁸ Professor do Departamento de filosofia e Ética na Faculdade de Letra da Universidade de Kansai - Japão, que tem se dedicado, dentre outros, ao estudo de conceitos como Milieu, paisagem, lugar.

O contexto institucional, com a formação dos grupos de pesquisa e a realização de eventos, inclusive internacionais, e a profusão das traduções de diversos autores, permitiu que a abordagem humanista ganhasse densidade, de modo a permitir a realização de pesquisas. Isso, juntamente com a presença das diferentes gerações de geógrafos, departamentos de geografia, ciências humanas e até mesmo de artes ou de letras, fez com que a Geografia Humanista se consolidasse no país. Segundo Imazato (2007), a leitura desses trabalhos inspirou os geógrafos japoneses a desenvolver pesquisas voltadas ao estudo do espaço subjetivo, tanto no âmbito do rural, explorando a subjetividade na formação das comunidades e enfatizando os legados ritualísticos culturais e religiosos, quanto no âmbito urbano, com preocupações que perpassam a percepção espacial, a identidade e cultura.

DESDOBRAMENTOS DA CORRENTE HUMANISTA NO JAPÃO E SEUS DESAFIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Desde o final da década de 1970, os geógrafos japoneses mostraram preocupação com o rural, mais especificamente em termos da percepção espacial do rural, buscando um reposicionamento do tratamento das questões concernentes às comunidades, aos ritos e às tradições, levando em consideração a subjetividade e intersubjetividade envolvidas nelas. Esses trabalhos se desenvolveram em pelo menos três frentes: (1) autores que se dedicaram a mostrar e entender a constituição ou a estruturação do espaço rural; (2) trabalhos que se empenharam em desvendar os simbolismos envolvidos nas tradições, ritos e lugares sagrados — esses geógrafos atentaram especialmente ao folclore nas diferentes localidades do país que se converteram em tradições bastante singulares; essas pesquisas aproximaram os geógrafos de outras áreas, como os folcloristas, estudiosos de religião e antropólogos —; e ainda (3) trabalhos cujo objeto era a cosmologia de diferentes povos nativos, a fim de descobrir como os elementos desta influenciava a estruturação ou organização espacial (SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012).

Nos mesmos moldes dessa última linha, mas com uma perspectiva voltada para a discussão das questões ambientais e concepções de natureza, os geógrafos japoneses buscaram entender a concepção de ambiente por meio da taxonomia (*folk taxonomy*) ou, ainda, compreender a relação estabelecida com a natureza por meio da lida com o ambiente e o reconhecimento (intuitivo) de seus mecanismos e processos. Em geral, enfatizavam a relação com as montanhas, que são uma forma de ambiente predominante no país e se constituem em lugares sagrados onde divindades residem. O respeito às montanhas se manifesta na construção de inúmeros templos dedicados em geral a divindades ligadas à colheita, às chuvas, à fertilidade (SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012).

Outro campo de difusão da geografia humanista no Japão foram os estudos referentes à literatura (romances modernos), em meados de 1980, com trabalhos sobre percepção espacial e imaginário. Em 1982, Ai Maeda⁹ publicou o livro *Toshi Kukan no Nakano Bungaku* (Literatura no espaço urbano), que realiza uma discussão sobre a urbanização moderna por meio de romances, utilizando-se de aproximações com a teoria literária. Esse livro potencializa a aproximação dos geógrafos à literatura e possibilita futuras pesquisas nessa linha (SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012). Nos anos 1980, muitos trabalhos sobre a percepção espacial foram realizados a partir da

⁹ Um renomado Crítico Literário e Cultural, lecionou na Universidade de Rikkyo.

literatura pré-moderna japonesa. No entanto, eram estudos em geografia histórica, raramente associados à abordagem humanista. Foi em 1990 que esses estudos ganharam novo fôlego com a análise da literatura histórica japonesa que se utiliza da abordagem humanista associada ao aporte fenomenológico como diferencial (IMAZATO, 2007).

Assim como a literatura, outras formas de arte atraíram a atenção dos geógrafos japoneses. Para compreender a morfologia espacial do Japão pré-ocidentalização, foram feitas pesquisas envolvendo, em grande parte, a arte cartográfica de mapas pictóricos, com o objetivo de chegar à concepção de mundo por meio da concepção artística nos mapas.

A arte aparece também no estudo da paisagem. O conceito é visto de uma nova forma na geografia japonesa, isto é, os japoneses exploram a paisagem sensorial que prioriza a compreensão dos sentidos humanos para além da visão. Um exemplo é o emprego da ideia de paisagem sonora desenvolvida pelo compositor canadense Raymond Murry Schafer na década de 1960. A profusão dessas pesquisas sobre paisagem levaram a um crescente interesse na concepção de *genfukei*, que se refere a uma paisagem primeva. Essa concepção foi trabalhada por Takeo Okuno, um crítico literário que escreveu *Bungaku ni Okeru Genfukei* (Paisagem Primeva na Literatura), em 1972 (SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012).

Embora a abordagem humanista tenha sido adotada por diversos geógrafos e promovido uma diversificação e profusão de pesquisas, nos anos 80 uma série de críticas foram feitas a ela. Com isso, foram associadas ao horizonte algumas limitações, e mesmo a impossibilidade de sua utilização científica.

Imazato (2007) aponta que críticas crescentes eram feitas, sobretudo à concepção de lugar. Outra crítica apontada pelo autor tem relação ao aporte fenomenológico. Segundo ele, alguns entendiam que a fenomenologia era anticientífica. A princípio, entre os geógrafos japoneses, mesmo os humanistas, a fenomenologia teve pouca aceitação, pois era considerada uma metodologia inviável. A ideia de colocar os pressupostos em suspensão e trabalhar com a experiência pura era considerada impossível. A fenomenologia se contrapunha à abstração do mundo empregada pelas ciências naturais, mundo esse que passava a ser considerado o único possível no ocidente. Os geógrafos humanistas, inspirados pelos fenomenólogos, colocam que a geografia deve se estender à cotidianidade, incorporando o conhecimento oriundo das vivências das pessoas. Em vista disso, o aporte fenomenológico é considerado demasiadamente subjetivista e antipositivista e, portanto, não-científico.

Até mesmo os geógrafos anglo-saxões que iniciaram o movimento humanista e adotaram a fenomenologia como aporte conservavam certas dúvidas quanto a sua utilização, como afirma Marandola Jr. (2013, p. 53): "Uma conclusão comum a autores [...] era que a fenomenologia era mais útil como uma orientação, como uma postura, e que ela teria limites muito claros, especialmente para a operacionalização de pesquisas empíricas."

As críticas à abordagem humanista de cunho fenomenológico são apaziguadas no Japão com o trabalho do geógrafo John Pickles, *Phenomenology, Science and Geography*, de 1985, que trará uma releitura da fenomenologia na geografia concebendo-a como uma fundamentação epistemológica alternativa para a ciência geográfica. Apesar disso, as dúvidas sobre a possibilidade, principalmente metodológica, do uso efetivo da fenomenologia, ora por ser considerada não-científica, ou mesmo anticientífica, ora por não atender aos anseios políticos e sociais, fizeram com que não houvesse prosseguimentos na introdução da fenomenologia na geografia (IMAZATO, 2007).

Diante dessas críticas e pressupostos sobre a abordagem humanista e o aporte fenomenológico, a geração de geógrafos posterior aos anos 1970 e 1980 passou a

demonstrar interesse pela geografia cultural mais enfaticamente, especificamente a Nova Geografia Cultural que emergia em 1990 nos países anglo-saxões. Na década de 1990, com a insurgência da globalização, o cenário mundial alcançava níveis de complexidade até então não experienciados. As disputas crescentes entre o globalismo e os localismos ocorriam no âmbito essencialmente cultural e os discursos sobre identidade, territorialização e direitos humanos lançava as discussões da geografia a reativar as reflexões cujo cerne eram os estudos culturais. Nesse contexto, os geógrafos já não se identificavam com a abordagem humanista, buscando suas respostas na Geografia Cultural (MARANDOLA JR., 2013). Essa adesão à Geografia Cultural pelos geógrafos japoneses termina de afastar a fenomenologia como possibilidade metodológica.

A partir de então houve entre os geógrafos japoneses entusiasmo com relação às publicações em periódicos como *Progress in Human Geography*, *Environment and Planning D* e *Écumène* que passam a dar as bases para as discussões dos estudos culturais e sociais em geografia. Isso também acontece nos periódicos nacionais, como *Journal Kukan*, *Shakai*, *Chirishisu* (Space, Society and Geographical Thought), que trazem além dos artigos originais diversas traduções (SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012).

Dessa forma, o movimento observado pelos estudiosos do pensamento geográfico no Japão, desde 1970 até a atualidade, é um interesse bastante profícuo pela abordagem da geografia humanista por parte da comunidade dos geógrafos japoneses. Esse interesse tem seu ápice nos anos 70, mas passa a ser decrescente em favor de uma perspectiva social — ainda que mais próxima das discussões humanistas — que surgiu no meio anglófono como uma forma de crítica ao conceito base de lugar e às discussões em torno dele. Essa crítica teve um efeito negativo sobre a abordagem humanista na geografia japonesa e esteve associada a um descontentamento de parte da comunidade com a introdução do pensamento ocidental (matrizes teóricas, filosóficas, metodológicas). Como resultado, as gerações mais novas têm se dedicado à geografia cultural e geografia social, muitos deles sem o abandono da abordagem humanista, mas não a tendo mais como fundamento de suas investigações.

Ao longo da década de 1970, os geógrafos que se empenharam nas pesquisas na abordagem humanista deram contribuições importantes para o seu desenvolvimento.

CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA JAPONESA À ABORDAGEM HUMANISTA: A PAISAGEM E A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA

Dentre as contribuições dos geógrafos japoneses à geografia humanista está a tarefa de repensar epistemologicamente o espaço e a paisagem. Para o conceito de espaço, Imazato (2007) destaca o trabalho de Ohji, que faz uma análise das diferentes formas de se lidar com a experiência espacial em termos de correlações entre sujeito, objeto e espaço. Ohji (1996) em seu texto "Geografia Regional e estudos de área: uma nota epistemológica" (*Regional Geography and area studies: a epistemological note*), por meio de uma revisão das possíveis perspectivas de entendimento do espaço, explora desde uma concepção absolutista do espaço, isto é, o espaço existe independente do sujeito e do objeto, até uma concepção existencialista em que o espaço é compreendido apenas a partir da relação entre sujeito e objeto.

Sobre a paisagem, desde 1980 os geógrafos japoneses trabalham com as noções de *fkei* (*scenery*), que faz menção ao aspecto subjetivo da paisagem, e *keikan*

(*Landschaft*), que se refere ao aspecto objetivo da paisagem. Imazato (2007) afirma que os geógrafos humanistas que tratam da paisagem advogam em favor de um entendimento da paisagem (*fukei*) que responda a apreensão do espaço pela via dos sentidos e significados, visto que as pessoas em seu cotidiano não percebem ou compreendem o espaço em termos de um sistema geométrico cartesiano.

Senda¹⁰ (1992a) faz uma forte crítica à adoção pelos geógrafos japoneses da geografia moderna ocidental-europeia, na qual para ele ainda reside o dualismo entre homem e natureza instaurado pelo pensamento moderno ocidental: "Most Japanese geographers are continuing to apply the methodology of imported modern geography without taking into consideration Japan's premodern, traditional view of nature and landscape ideas, or the cosmology which influenced then" (SENDA, 1992a, p. 129). Ele defende que a geografia japonesa deve revisitar a cosmologia tradicional japonesa (budista/xintoísta), que não faz divisões entre natureza e homem, visto que para os japoneses existe uma intrincada relação entre a divindade e o natural, e a paisagem expressa essa relação. Assim, uma vez incorporada a visão de mundo japonesa para tratar a natureza e a paisagem, torna-se indispensável entendê-las em seu caráter divino e sagrado, "We can ever go far as to say that the fact that there was traditionally a space in Japan where deities and people, nature and culture, combined together means that they were aware of it as a place where deities had very close relationship with people" (SENDA, 1992a, p. 132). Senda, em sua discussão, traz a ideia de *holographic landscape*, que seria um modo de conceber a paisagem a partir da cosmologia tradicional, mais especificamente pela ideia de *Kegon-Kyo*, isto é, um é o todo e o todo é um que indica uma conexão universal em que o mundo todo está contido em uma única partícula. Nesse sentido, a paisagem está conectada a todo o mundo, "one place is given locality in Earth is linked to the whole surface of the Earth" (SENDA, 1992b, p. 133).

Esse repensar a paisagem epistemologicamente envolve uma reflexão sobre a concepção de natureza, que difere bastante entre orientais e ocidentais, e sobre a relação estabelecida entre o homem e a natureza, ou seja, as diferentes cosmologias (europeia e japonesa). Os japoneses têm uma forte preocupação com essa contradição entre o natural e o humano/cultural aparente no pensamento ocidental, de modo que muitas críticas voltadas à adoção de matrizes teórico-metodológicas ocidentais residem nesse ponto. As críticas são bem enfáticas em contrapor a relação estabelecida entre os japoneses e seu ambiente, orientada pelas culturais tradicionais e o pensamento religioso budista, e o modo ocidental de fazê-lo, orientado pelo pensamento racionalista moderno. Algumas tentativas foram feitas no sentido de diluir esse contraste, como o esforço de Berque, um dos expoentes nas discussões sobre paisagem que ponderam o pensamento oriental, especialmente pelo seu conceito de *Mediance*.

A segunda contribuição para a abordagem humanista japonesa, segundo Imazato (2007), reside na necessidade de transgredir a dualidade cartesiana presente no pensamento ocidental. Nesse caso, é interessante ressaltar a especificidade da discussão de alguns geógrafos japoneses, que recorreram a fontes ocidentais para discutir a questão da dualidade. Dentre eles está Yamano (1983), um geógrafo que pelo seu interesse na história da Geografia Alemã trouxe como referência Humboldt, destacando a conjunção entre a observação científica e a sensibilidade artística de que ele se valia para realizar suas investigações. As obras de Humboldt preservam para o geógrafo japonês um tipo de conhecimento primevo em que as distinções entre sujeito e objeto não existem. Outro texto que Imazato destaca é de Iwata (1995), que, assim como Yamano, incorpora a concepção de cosmos de Humboldt, mas se atém fortemente ao pensamento budista. O budismo aparece em seu trabalho

¹⁰ Professor do Departamento de geografia da Universidade para Mulheres de Nara - Japão

no tratamento da relação entre natureza e homem; sob essa orientação, todas as coisas são ontologicamente iguais e inter-relacionadas. Sua metodologia está embasada em um envolvimento corporal com os lugares, buscando compreender a sua sacralidade como espaços cosmológicos em que as divindades residem. Essa metodologia, porém, tem a sua cientificidade questionada, e é considerada demasiadamente radical.

Nessa mesma linha, alguns estudiosos da geografia cultural adotaram a ideia do *feng-shui* como uma alternativa ao dualismo ocidental. Yoshio Watanabe¹¹ em seu texto *Fusui shiso to higashi ajia* (Geomancy and East Asia), de 1990, aborda a concepção de *feng-shui* dos chineses para entender a relação entre a organização espacial e a cosmologia. Masataka Suzuki¹² (1978) e Naoki Oshiro (1990; 1994) também abordaram o tema do *feng-shui* para o entendimento da organização espacial dos povos tradicionais japoneses e o seu entendimento ou sua concepção de tempo e espaço (SHIMAZU, FUKUDA, OSHIRO, 2012).

Outro trabalho apontado por Imazato (2007) que se dedica à superação do dualismo cartesiano é o texto de Iawo Maida e Kenichi Gatayama intitulado "Novas tendências na abordagem humanística: com referência a geografia sensorial" (New trends in humanistic geography: with reference to sensuous geography), de 1991, em que eles apontam um crescente interesse em explorar os outros sentidos humanos, para além da visão. Essa preocupação com a audição, o tato e paladar trariam elementos até então ocultos e desconhecidos pelos geógrafos nas paisagens e lugares. A busca por ampliar os sentidos envolvidos na compreensão da geografia na abordagem humanista se relaciona segundo os autores a uma perspectiva holística que permite um ganho epistemológico e ontológico nas discussões humanistas.

No texto, Berque é apontado como um dos principais responsáveis por abrir à geografia humanista esse caráter holístico quando ele trata as ideias de complexidade e multidimensionalidade em suas discussões. No Japão será o filósofo Watsuji Tetsuro, principalmente, que trará, em sua concepção de *Fudo*, esses aspectos da existência humana. Para os autores do texto o holismo seria o caminho de humanizar a geografia humana, e portanto uma forma de combate aos reducionismos e dualismos. Explorar os cinco sentidos, a partir de uma concepção holística, devolveria à geografia toda a riqueza do mundo vivido (MAIDA, GATAYAMA, 1991).

A abordagem humanista na geografia japonesa contribui com uma diversidade de possibilidades investigativas. Os geógrafos humanistas mobilizaram matrizes filosóficas diversas (por vezes contrárias à ocidental) para a construção de seu pensamento. Destacam-se as matrizes filosóficas orientais tanto japonesas quanto, em alguns casos, chinesas, como o budismo, que permitiram realizar a discussão da natureza e da relação entre o homem e a natureza rompendo com o dualismo. A geografia humanista japonesa se apoiou em diversos campos do conhecimento para seu desenvolver epistemológico e metodológico: a antropologia, as artes, a crítica literária, e teve inclusive a contribuição de pesquisadores formados nesses campos realizando estudos geográficos..

A partir de críticas e contextualizações da geografia ocidental moderna, a abordagem humanista passou a ser desenvolvida com maior autonomia e a buscar suprimir faltas dessa discussão. Esse ganho de autonomia da geografia japonesa indica que existe uma possibilidade de diálogo a ser prospectada e explorada entre o pensa-

¹¹ Antropólogo, professor na Faculdade de Letras na Universidade Kokugakuin - Japão, dedica-se a estudos em geografia cultural e antropologia social tendo o *feng-shui* como um de seus tópicos centrais.

¹² Formado em Letras, professor do Departamento de Humanidades e Ciências Sociais na Faculdade de Letras da Universidade de Keio - Japão, tem se dedicado aos estudos em antropologia cultural; o folclore é um de seus tópicos de atenção.

mento ocidental e o oriental. Um exemplo disso é o esforço dos geógrafos japoneses citados ao longo do texto e dos geógrafos ocidentais, como Berque, que investiram na diversificação de suas matrizes teóricas e filosóficas, e contribuíram na complexificação do escopo teórico-metodológico da abordagem humanista na geografia.

EM BUSCA DA PLURALIDADE DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Desde os anos de 1970 a geografia japonesa tem sofrido mudanças teóricas e epistemológicas, por um lado pela influência do pensamento geográfico moderno ocidental, mais especificamente anglo-saxão e francês e, por outro lado, pela própria movimentação causada pela chegada dessa nova tendência no país de críticas e reflexões quanto à geografia, ao pensamento moderno e, por vezes, ao fazer científico. Quando deparados com as cosmologias das diferentes culturas tradicionais japonesas, estudiosos da geografia cultural — geógrafos ou não — passaram a questionar a forma de compreensão do espaço e sua organização. Mesmo diante das concepções budistas de natureza, de homem, de sagrado e a sua relação com o modo de ser-estar dos homens na terra, trouxeram novas aberturas e possibilidades de tratamento e encaminhamento do conhecimento geográfico.

A abordagem humanista, que entrou mais fortemente nas discussões da comunidade geográfica japonesa, coaduna com essas descobertas, principalmente quando associada ao aporte fenomenológico. A confluência da busca dos humanistas na geografia e um revisitar e reaprender as possibilidades de conhecimento promoveu no Japão maior amplitude de temáticas a serem trabalhadas e desenvolvidas de forma igualmente combativa ao dualismo cartesiano, mas alternativa à empregada no ocidente. Por vezes, essas formas avançam em discussões basais como a relação entre homem e natureza, superando algumas faltas encontradas no pensamento ocidental filosófico e científico, fundamento da ciência geográfica. A proposta de alguns geógrafos japoneses de radicalizar a sua metodologia ou de incorporar aspectos não-científicos a sua reflexão, guiados pelo movimento proposto pela abordagem humanista de um retorno ao mundo da vida, estava relacionada a justamente desconstruir as bases nas quais a geografia moderna foi construída, ou seja, a oposição binária entre homem/cultura e natureza.

Em termos institucionais, a abordagem humanista deve sua difusão nos eventos internacionais sediados no Japão e a partir da possibilidade de contato que eles abriram com geógrafos de todo o mundo, que adotavam diferentes perspectivas em seus trabalhos. Fora isso, os eventos alavancaram a criação de grupos de pesquisa e associações de geógrafos, o que garantiu uma diversidade de caminhos para o desenvolvimento e prosseguimento da abordagem, isto é, não houve o estabelecimento de uma hegemonia temática ou metodológica, permitindo que vários interesses pudessem ser absorvidos. A questão institucional é enfatizada, pois a proliferação de grupos significa a criação e, possivelmente, a manutenção de espaços institucionais que estão abertos para uma discussão marginal ao *mainstream*, permitindo que ela exista e, mais importante, que garanta às novas gerações um espaço para realização de suas pesquisas.

Da mesma forma, as publicações que surgiram em função da criação desses grupos, como *Shakai-Kukan Kenkyu* (Horizontes dos Estudos Socioespaciais) e *Journal Kukan, Sankai, Chirishiso* (Espaço, Sociedade e Pensamento Geográfico), foram importantes por trazer contribuições originais, isto é, criar a possibilidade de dar vazão e visibilidade, e portanto legitimidade, as pesquisas orientadas pela abordagem

humanista. Outro periódico, embora não voltado apenas à pesquisa humanista, *The Geographical Review of Japan Series B*, tem um papel importante, ao apresentar artigos na língua inglesa, de possibilitar a divulgação em um âmbito mundial (propósito central de sua criação) daquilo que vem sendo desenvolvido no Japão. Esse esforço por apresentar trabalhos em uma língua mais acessível permitiu que geógrafos ocidentais pudessem tomar contato com o conhecimento acumulado pela comunidade geográfica japonesa.

A iniciativa da comunidade de geógrafos no Japão de realizar publicações em inglês abre a possibilidades de diálogo com a ciência ocidental. Um maior conhecimento da história do pensamento geográfico no país permite não apenas que se tenha uma visão sobre a pluralidade dos objetos de pesquisa, temáticas e objetivos, e portanto, da difusão da abordagem humanista no Japão, mas também o contato com possibilidades abertas pela fusão entre pensamento oriental e ocidental de uma renovação e ampliação epistemológica e metodológica desse horizonte. Contextos de incorporação diferentes da abordagem humanista e do aporte fenomenológico são responsáveis por levantar discussões de diferentes naturezas e, por vezes, questões pouco enfrentadas pela geografia humanista podem, sob outras perspectivas filosóficas, religiosas e culturais, ganhar um tratamento mais atento, o que permite que sejam aprofundadas. Assim, possibilita-se a diversidade de contextos de incorporação pela diversidade de modos de desdobramento e desenvolvimento da abordagem, que promovem e potencializam discussões já existentes ou até então pouco mencionadas. Em outras palavras, o diálogo abre várias frentes para o desenvolvimento da Geografia Humanista.

A contribuição do envolvimento da comunidade geográfica japonesa nessa empreitada reside no fato de que os japoneses têm uma visão integrativa do mundo. Eles acreditam na unicidade das diferentes formas de existência. Essa perspectivava oferece novas bases para a busca da geografia humanista por avançar no entendimento do espaço, fugindo da racionalização em função de uma concepção geométrica e matemática deste, o que lhe daria um caráter homogêneo profícuo para quantificações. Assim, a geografia humanista pode alcançar uma reaproximação do homem com o espaço, de forma que a realidade cotidiana seja compreendida a partir dos lugares como centralidades de sua vida, densos de significado.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n 21 e 22, p. 67-87, 1999.

_____. A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. **Cadernos de Geografia**, Belo Horizonte, v. 16, n. 26, p. 35-57, 2006.

AOKI, N. Regional Study and Philosophy. **Human Geography**, v. 32, p. 539-544, 1982.

BERQUE, A. **Vivre l'espace au Japon**. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

_____. **Le Sauvage et l'artifice, lês Japonais devant La nature**. Paris: Gallimard, 1986.

_____. **Du geste à la cite**: formes urbaines et lien social au Japon. Paris: Gallimard, 1993.

- _____. **Écoumène**: introduction à l'étude des milieux humains. Paris: Belin, 2000.
- _____. **La Pensée paysagère**. Paris: Archibooks, 2008.
- BUTTIMER, A. **Values in Geography**. Washington: AAG, 1974. 58p. [Research Report, n.24]
- _____. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v.66, n.2, p.277-292, 1976.
- HOLZER, W. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica: de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1/4, p. 109-149, 1993.
- _____. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, Edição Comemorativa 1993-2008, p. 137-147, 2008.
- IMAZATO, I. Rethinking the Humanistic Approach in Geography: Misunderstood Essences and Japanese Challenges. **Japanese Journal of Human Geography**, v. 59, n.6, p. 38-62, 2007.
- IWATA, K. **Iwata Keiji Chosakusha** [The collected works of Keiji Iwata]. Tokyo: Kodansha, 1995.
- MAEDA, A. **Toshi kukan no nakano bungaku** [Literature in the urban space] Tokyo: Chikuma Shobo, 1982.
- MAIDA, I.; GATAYAMA, K. New trends in humanistic geography: with reference to sensuous geography. **Human Geography**, v. 43, n. 6, p. 548, 1991.
- MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. Do sonho a memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v. 12, n. 2, p. 5-19, 2003.
- MARANDOLA JR., E. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, 2012.
- _____. Fenomenologia e Pós-Fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013.
- OHJI, T. Regional Geography and area studies: a epistemological note. In: Nishikawa, O. (Ed.). **Chirigaku Gairon** [Introduction to Geography], Tokyo: Asakura Shoten, 1996.
- OKUNO, T. **Bungaku ni okeru genfukei** [Primal landscapes in Literature] Tokyo: Shueisha, 1972.
- OSHIRO, N. Geographical personality of settlement a subtropical island: Kohama, Okinawa. **Japanese Journal of Human Geography**, v. 42, p. 220-238, 1990.
- _____. A geomatic picture – map of gravesites on Ishigaki Island, Yaeyama. **Japanese Journal of Human Geography**, v. 46, p. 528-546, 1994.
- PÁDUA, L. C. T. **A geografia de Yi-Fu Tuan**: essências e persistências. 2013. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- PICKLES, J. **Phenomenology, Science and Geography**: spatiality and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976. 156p.

- _____. **The Modern Urban Landscape**. Baltimore: Johns Hopkins University Press: 1987.
- SCHÜTZ, A. **On phenomenology and social relations**. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.
- SENDA, M. (Ed.) **Chizu no kanatani** [Beyond maps]. Kyoto : Chijin Shobo, 1981.
- _____. Japan's Traditional View of Nature and Interpretation of Landscape. **GeoJournal**, v. 26, n. 2, p. 129-134, 1992a.
- _____. **Fukei no Koza** [Structural Outline of Landscape]. Kyoto: Chijin Shobo, 1992b.
- SHIMAZU, T.; FUKUDA, T.; OSHIRO, N. Imported Scholarship or Indigenous Development?: Jpanese Contributions to the History of Geographical Thought and Social and Cultural Geography since Later 1970s. **Japanese Journal of Human Geography**, v 64, n. 6, p. 2-24, 2012.
- SUZUKI, M. The study of orientation in south-west (Ryukyu) Islands: An approach to spatial perception. **Japanese Journal of Human Geography**, v. 30, p. 541-554, 1978.
- TAKEUSHI, K. Japan. In: JOHNSTON, R. J.; CLAVAL, P. (Ed.). **Geography since the Second World War: An International Survey**. Croom Helm: Rowman & Littlefield Publishers, 1984. 11, p. 235-263.
- _____. The position of social geography: a consideration on the so-called subjective geography. **The Hitotshbashi Review**, v. 81, p. 653-667, 1979.
- YAGASAKI, N. Geography and Geographers in Japan since 1980: Preface to the Special Issue. **Geographical Review of Japan Series B**, v 86, n. 1, p. 1-5, 2013.
- YAMANO, M. Contemporary human geography: Humanistic perspective and spatial morphology. **Human Geography**, v. 31, p. 46-68, 1979.
- _____. On the physiognomic point-of-view. **Studies in the humanities**, v. 35, p. 671-686, 1983.
- _____. Preface: Progress of Human Geography in Japan since 1980. **Japanese Journal of Human Geography**, v. 64, n. 6, p. 1, 2012.
- YU-FU Tuan. **Segmented Worlds and Self: Group Life and Individual Conciousness**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.
- _____. **Paisagens do medo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- _____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EDUEL, 2012.
- _____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: EDUEL, 2013.
- WATANABE, Y. Fusui shiso to higashi ajia [Geomancy and East Asia]. Kyoto: Jimbun Shoin, 1990.

Recebido em maio de 2014
Aceito em fevereiro de 2015